

ANO V
1947
1703
PREÇO 900

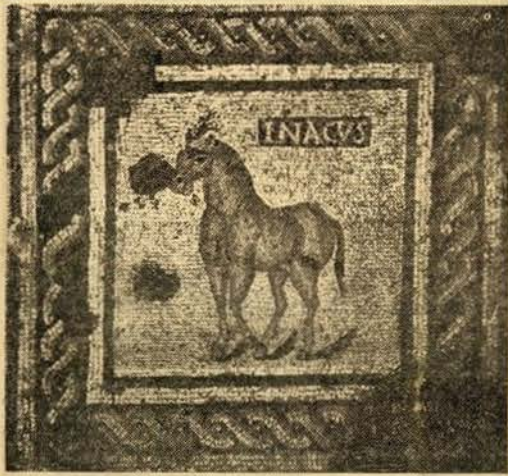
DIÁRIO POPULAR

LISBOA
5ª feira
26
Junho

Director: LUIS FORJAZ TRIGUEIROS

Editor: M. Pinheiro de Oliveira — Propriedade da Sociedade Industrial de Imprensa — Redacção, Administração e Oficinas: Rua Luz Soriano, 67 — Telefones: 29291/2/3 — Telegrafama: «Pop-ular»

DESCOBRIRAM-SE DE NICOLA NAS CERCANIAS DE MONFORTE VESTIGIOS DE UMA VILA ROMANA DOS SECULOS II A IV QUE ERA UMA ARTISTICA CIDADE EM MINIATURA



Um dos quadros do mosaico dos cavalos da famosa vila descoberta foi assim: Na herdade da Torre da Palma, cercanias de Monforte, trabalhava um troço de rurais. A terra precisava ser revolvida para as sementeiras. As enxadas golpeavam o solo, em grande profundidade. De repente, um dos homens ex-

DOIS MORTOS E 33 FERIDOS NUM DESCARRILAMENTO NOS ESTADOS UNIDOS

MANSFIELD (Ohio), 26. — O comboio do caminho de ferro central de Nova York chocou com um comboio especial de St. Louis em Shiloh. Ambas as locomotivas e 8 carruagens ficaram desmanteladas ao longo da via. Morreram 2 pessoas e ficaram 10 gravemente feridas. Mais 23 pessoas sofreram ferimentos ligeiros. — (U. P.).



«Friso das Musas», pormenor do primeiro mosaico encontrado nas escavações

FOI REELEITO PRESIDENTE DA REPUBLICA ITALIANA

ROMA, 26. — Henrique De Nicola foi reeleito Presidente da Republica, pela Assembleia Constituinte, obtendo 405 votos dos 431 deputados presentes.

Logo após a votação, o presidente da Assembleia dirigiu-se à Presidência da Republica para informar De Nicola do resultado.

Aguarda-se a resposta do Presidente. — (R.).

Demitiu-se o Embaixador italiano em Londres

LONDRES, 26. — O Conde Carandini, Embaixador italiano na Grã-Bretanha, apresentou a demissão do seu cargo.

O correspondente do «Daily Telegraph» em Roma escreve que Carandini «continuará aqui até depois da visita oficial a Londres do Conde Storza, Ministro dos Estrangeiros italiano, visita que se deverá realizar no próximo mês». — (R.).



De Nicola

PEÇO A PALAVRA

HUMANISMO CIENTÍFICO

Pelo prof. DELFIM SANTOS

Neste sentimento de insegurança, em que se tornou a atmosfera do homem de hoje, não deixa talvez de ter interesse conhecer as forças invocadas e os apelos do

homem na busca de qualquer coisa que o suspenda, o segure e o salve. Descobrir as direcções do seu apelar, saber quais são os deuses que invoca, é o tema de um livro, recentemente aparecido em França, com o título: «Les grands appels de l'homme contemporain». Publicando seis testemunhos, subscritos por outros tantos homens representativos dos nossos dias, esse livro, de real importância na auscultação das formas da inquietação contemporânea, mostra-nos meia dúzia de tendências — as dominantes — que convém conhecer e sobre elas reflectir. Esses seis tipos de apelo são respectivamente: o humanismo científico, o humanismo nietzscheano, o humanismo marxista, o humanismo existencial, o humanismo laico e o humanismo cristão.

Como se notará sem dificuldade, estas formas de humanismo representam as grandes atracções do homem contemporâneo, e hoje exporemos apenas o que André

(Continua na 3.ª pag.)



Jimmy Rosen, que eras uma nova moda de fatos de banho pintados, ou os ultimos retoques a uma das suas invenções. Depois de pintados, os fatos são cobertos com uma camada de verniz, podendo ser usados na água.

A EUROPA FORJA DO MUNDO

Por JULES SAUERWEIN

Encontram-se amaldiçoada em Paris para deliberarem sobre a sorte da Europa três Ministros, um russo, um inglês e um francês. Essa deliberação é mais grave do que todas aquelas que a precederam. Não se trata de um desses problemas territoriais e políticos que se resolvem por combinações conciliantes, nem mesmo de uma vasta operação económica e financeira para a qual se procuram garantias. Eu gostaria de mostrar, sem pretensões a literatura, até onde o verdadeiro objecto do litigio excede todas as aparências.

Destes três homens aos quais eu apresentarei o americano, momentaneamente ausente por fática, mas chamado a resolver e a arbitrar, eu desejava que notassem o seguinte: é que eles representam os aspectos

variados desta alta entidade espiritual que se chama Europa e que, desde três mil anos, tem dominado a evolução do nosso planeta. Desde este tempo que a humanidade converge para a Europa para em-se (Continua na 3.ª pag.)

REPORTAGEM RETROSPECTIVA DA CONQUISTA DE LISBOA

XIII — A viagem do Porto a Lisboa

ILHA DE PENICHE, AOS 26 DE JUNHO DE 1147. — Só hoje posso dar noticias desta viagem de surpresas. Depois da chegada, ao Porto, de Cristiano de Gistel e de Azevedo, foi dada a resposta ao Prelado, e concertados os pareceres, aprestamo-nos para continuar a navegação, pela costa portuguesa. Ele e o Bispo bracarense embarcaram com as suas famílias, a guisa de reféns pelo compromisso real. Do que houve rumores foi de que algumas palmas requiriam para a Palestina, visto que os seus capítos discorriam da resolução tomada pelos Condestáveis Portugueses e os castelos de Montemor, Soure e Leiria. Ao cair do sol de hoje fundamos aqui, de frente desta ilha onde os ventos são quase tantos como os coelhos. Devotamente houve confissões feitas, reverenciada a imagem de S. Tude que comozimo trouxemos, e preparamo-nos para partir nesta restinga que fica a oitocentos passos da terra firme, e em frente de uma ilhéu, a que chamam as Berlugas. Eu, e mais dois companheiros de armas, fomos ver o pouco acastelão de Berluga grande, de magnifica arquitetura, que foi não sei que de antigos reis destas terras. Do que gostamos muito, todos, foi da vista soberba dos bosques de Alcobaga. Dizem os entendidos que estas ilhas são as antigas Eritreas dos Tírios e a Gades dos Carthagenos, e que aqui é o termo do Mundo. Eu, que só curo do que põe e vejo, entendo que se não nos vamos de aqui amanhã, os coelhos nos comem de todo.

ESTE NUMERO
FOI VISADO PELA
COMISSÃO DE CENSURA

Comunicação

A questão das cheias do Tejo

O Ribatejo é região martirizada durante o outono e inverno pelas cheias do Tejo. Ainda este ano ali se perderam milhares e milhares de contos de cultura e, o que é mais, muito mais, házimas preciosas, vidas humanas. Sabe-se que a questão está a ser estudada em vista à sua resolução efectiva, mas nem por estarmos longe do período agudo deixa de ser necessário abordar a questão.

Dizem-nos os lavradores das lhas do Tejo e terrenos adjacentes que os conflitos de jurisdição entre as várias instâncias que naquela zona superintendem muito têm prejudicado a oportuna solução. Informam mais que em frente da Póvoa de Santa Iria, estendendo-se até Sacavém, existe um banco de rochas constituídas por estratos que agrava extraordinariamente as cheias. A livre passagem das águas é entravada por aquele acidente. Ao que dizem, trata-se de um estrangulamento sub-aquático perigoso. Podia ser destruído por meio de explosivos ou até mediante um exercício de fogos reais de aviação, como se faz lá fora para evitar as terríveis consequências do degelo. Será viável o alvitre?

Aqui o deixamos exarado, como expressão do anseio das esperanças dos que pertinzam temam em arrancar da terra o alimento dos portugueses, a despeito das crises sérias atravessadas nos cruciais momentos em que as águas revoltas capricham na destruição do produto do trabalho dos homens. Dominar a Natureza, criada para o serviço da vida humana, descobrir a verdade através da incessante investigação — é tarefa digna de homens desde que na sociedade a vida do espírito, da inteligência e da bondade seja permitida a todos, sem excepções, no sentido de um fim superior que justifica a existência da criatura humana na terra.

Uma exploração que termina

Em tempos, o «Diário Popular» insistiu-se contra a exploração que constituía a actividade dos contratados — uns sujeitos solícitos, muito avessos a perseguirem o público à porta dos cinemas. Acentuamos então que essa espécie de «profissão» não nos parecia nem suficientemente honrosa, nem permitida moralmente, nem suficientemente legítima para ser oficialmente reconhecida. E sabemos — mas não o dissemos então — que era das mais lucrativas, com um esforço mínimo e apenas numa função de intermediário sem custo, há contratador que tem feita fortuna, segundo nos informam. Ora ganhar dinheiro é tudo quanto há de mais justo, quando é a



Uma bomba que estoura no coração de Lisboa!

Na quinta-feira, 3 de Julho de 1947, numa fenomenal corrida nocturna de 9 toiros do sr.

JOSÉ INFANTE DA CAMARA

Um cartel como nunca se viu, um cartel verdadeiramente heróico!

MANOLETE PARRITA

Luis Miguel DOMINGUIN

e a estreia, este ano, do insigne catédrado da Arte de Marialva

JOÃO NUNCIO

e do seu jovem e valoroso colega

JOSÉ ROSA RODRIGUES

Forcados de Antonio Matias de Lisboa

Um cartel que deixa suspensa de pasmo e admiração a população aficionada de Portugal!

HUMANISMO CIENTIFICO

(Continuação da 1.ª pag.)
George nos diz acerca do humanismo científico, tema nuclear e importante, que, por isso mesmo, abre o volume. Para o cientista francês, o humanismo científico está em crise. A ciência não deu ao homem o que ele esperava, dando-lhe inesperadamente o que ele não esperava. E que fazer desse não-espereado que, de longe e bruscamente, ultrapassou todas as suas esperanças?

Situação grave e tão séria que o ambiente de liberdade, pelo qual a ciência sempre lutou, se tornou inesperadamente ambiente de perigo. Este perigo trouxe o medo. E a tal ponto que um nobeliano, Ha-

rold Urey, afirmou, após ter descoberto o hidrogénio pesado, e colaborado na realização da bomba atómica: «faço-vos medo e ao próprio tenho medo. E todos os sábios que os coheço também têm medo...» E a terra, como laboratório de investigação científica de nível atómico, tornou-se assim a casa do medo, como também afirmou.

Sim, quando o homem de ciência descobriu que uma só bomba de urânio ou de plutónio é duas mil vezes superior, em efeito destrutivo, à bomba de dez toneladas, há apenas dois anos considerada o terror dos terrores; que, como afirma Joliot, uma só bomba atómica, lançada por um único avião, dava o mesmo resultado que 12.000 vulgares bombardeamentos... alguma coisa da nova e do terrível se anunciava, dando sentido inesperado ao humanismo de base científica. Há no presente uma mutação brusca na história da humanidade, e é por isto mesmo que o mundo se encontra tão demorado.

A primeira consequência que imediatamente resulta deste estado de coisas é a certeza, tão difícil de admitir para o obreiro de determinada civilização, — obra de eternidade no tempo, — que, como ele, também ela é mortal, e que estando a morrer a civilização que ele supunha imorredoura, outra nasce com tais aspectos de fragilidade, que não se sabe bem se resistirá às novas condições de vida, também não conhecidas com suficiente clareza. E Rostand, outro nome ilustre da ciência francesa, afirmava recentemente: «a ciência fez de nós deuses antes de termos merecido ser homens». O humanismo destes homens em deuses sem humanidade é, portanto, um perigo, pois aprenderam a libertar a energia intra-atómica antes de devesdarem o segredo de humanização do homem. Mas o lado sombrio de tudo isto é compensado por possibilidades infinitas, acordadas no plano da esperança, e que talvez permitam realizar em seu benefício — também o que o homem nunca sonhou. Mas não deixa de ser triste notar-se que há mais facilidade em fabricar bombas do que em aplicar o seu vigor do homem um só grama de urânio, que dizem ser mais eficaz do que dez toneladas de hulha...

O autor que estamos seguindo cita a propósito a célebre frase de Rabelais: «ciência sem consciência não é senão ruína da alma». Muita ciência, pouca consciência. E logo se segue para finalizar o seu testemunho, o que Bergson escreveu há cerca de quinze anos: «é preciso um suplemento de alma que equilibre a nossa ciência. A mecânica exige uma mística. E realmente o que se exige, o que todos exigem, neste contornar demorado do novo Cabo das Tormentas a que fomos obrigados, aguardando que ele se torne — não se sabe bem como — o cabo da melhor esperança...»

JUSTINO DE MONTALVAO VAI FALAR DA OBRA DE ANTONIO PATRICIO

Na sala de conferências do Museu João de Deus, realiza-se depois de amanhã, a «Tarde de António Patrício». O escritor e diplomata Justino de Montalva, nome de há muito consagrado nas letras pátrias, falará da obra do poeta, fazendo Manuel Lereño a leitura e recitação de algumas das mesmas, poesia do bom português. A sessão tem início às 16 e 30.

BANDOLEIRO CONDECORADO!

No sábado, á tarde e á noite, no Coliseu, grandioso programa com a película «José do Telhado»

É coro unico na História Universal este de um bandleiro condecorado com a Cruz de Guerra! Este é o tema da película «José do Telhado» que se estreia, no sábado, á tarde e volta a ser exibido á noite, no Coliseu, com outros discutidos filloes nacionais como «o violino do João», que nos conta a vida errante dos artistas de circo; «Portugal-Inglaterra», com as mais vibrantes e emotivas imagens do grande e intiquívulo deslizo de futebol e «Serra da Estrela, Arrábida e Gouves», que nos mostra os usos e costumes da maravilhosa região. As histórias abrem (spanish). Ao preço são os mais baratos dos cinemas de Lisboa.

DEPOIS

DAS NOVE

(Continuação da 2.ª pag.)

Marylu, Branca Velez e Márcia Costa... — Que a peça policial que está a ser traduzida por Fernando Santos e Almeida Amaral para início da temporada de comédia no Teatro Apolo tem por título «A Noite de 15 de Janeiro».

— Que na revista «Salada de Alface», em ensaio no Teatro Maria Vitória, o actor Reginaldo Duarte desempenhará os seguintes papéis: «Mordomo», «Pejo Moderno» e «Vicente Velho».

— Que se está formando uma nova organização em Portugal para especuladores, sob a orientação de Cândido.

ESTA NOITE PODE OUVIR

EMISSORA — A's 18 e 20; abertura da estação; danças; às 19: sinal horário; noticiário; às 19 e 20: «Rádio Mofadão», organizado pelos Serviços Culturais da Prefeitura Municipal; às 19 e 20: «Que quer ouvir?», discos perdidos pelos rádio-ouvintes; às 20: «Jornal Sonoro do Centenário»; às 20 e 20: música ligeira sinfónica; às 20 e 20: zarzuela «Marília e Fernando»; por Luís Sagi Vela, Angélica Duran, coro e orquestra; às 20 e 50: música de bailado; às 21: sinal horário; noticiário; às 21 e 15: valsa; às 21 e 30; solos de instrumentistas; às 21: transmissão do teatro Nacional de S. Carlos de um concerto organizado pelo Círculo de Cultura Musical, de colaboração com a E. N., em que tomam parte a Orquestra Sinfónica Nacional, dirigida pelo maestro Pedro de Freitas Branco e a pianista Nicole Henriot; às 22 e 30: canções; às 22 e 45: 2.ª parte do concerto, transmitido do Teatro Nacional de S. Carlos; às 23 e 50: noticiário; resumo noticioso do dia; às 0: fecho.

RADIO CLUBE — A's 19 e 30; solos; às 19 e 45: conjuntos; às 20: música brasileira; às 20 e 15: orquestra; às 20 e 30: música portuguesa; às 20 e 40: jornal; às 21: canções; às 21 e 30: concerto; às 22: teatro; às 22 e 30: dança; às 23 e 15: jornal; às 23 e 30: fecho.

RENAASCENÇA — A's 19 e 30; canções; às 20 e 15: música portuguesa; às 20 e 30: noticiário; às 20 e 45: música portuguesa; às 21: ritmos; às 21 e 15: música espanhola; às 21 e 25: trechos líricos; às 21 e 40: orquestra; às 22: música de salão; às 22 e 15: noticiário; às 23 e 30: música escolhida; às 23 e 50: música sul-americana; às 23: música de câmara; às 23 e 20: música portuguesa; às 23 e 30: discos; às 0: fecho.

PENSINULAR — A's 17 e 30; canções; às 18: trechos líricos; às 19 e 15: música espanhola; às 18 e 30: canções; às 18 e 45: folclore brasileiro; às 19: gravações; às 19 e 15: jornal; às 19 e 30: fecho. A's 21: teatro; às 23: danças; às 23 e 20: música escolhida; às 0: fecho.

CLUBE RADIOFONICO — A's 19 e 20; a Imprensa através da rádio; às 19 e 40: música portuguesa; às 19 e 30: noticiário; às 20 e 15: «Diário»; «Crusade» do Sub-Programa de Divulgação Brasileira, realizado por M. A. L. Lisboa; às 20 e 30: canções; às 20 e 40: palestra sobre Cooperativismo, pelo Sr. António Sérgio; às 20 e 50: música lírica; às 0: fecho.

AMANHA PODE OUVIR

EMISSORA — A's 8 e 30; abertura da estação; «Bem-Vinda»; às 9 e 15: «A voz da manhã»; às 9 e 45: «Levante-se com esta música...»; às 9: «Gula das donas de casa»; às 9 e 15: «Cocktail de catelões»; às 9 e 30: «O que dizem os jornais»; às 10 e 15: «Notícia»; às 10 e 15: «Beira»; às 9 e 40: cinema; às 9 e 40: «Sêja optimista!»; às 10: fecho. A's 10: música ligeira portuguesa; às 12 e 15: música de salão; às 12 e 30: folclore musical; às 12 e 15: noticiário; às 12 e 30: música de concerto; às 12 e 15: noticiário; às 12 e 15: transmissão do Jardim Cívico, de um concerto pela banda de música do regimento de Infantaria 1; às 20: «Jornal Sonoro do Centenário»; às 20 e 10: música de salão; às 20 e 20: música de concerto; às 21: noticiário; às 21 e 15: orquestra; às 21 e 30: programa pelo orfédo da Escola Francesa em Lisboa; às 22: teatro: «Para dos Almoçedores», de os pontos de instrução; às 22 e 15: cinema; às 22 e 15: canções; às 22: «Paisagem portuguesa — Terras salinas», pelo prof. Armando de Lencastre; às 23 e 15: dança; às 23 e 50: noticiário; às 0: fecho.

COMO AS ESTRELAS DE HOLLYWOOD

As mulheres mais elegantes do mundo conservam a cutis inabulada, usando os cosméticos da Crema de Dia e de Noite e a Loção Facial de WESTMORE. Para beleza fascinate, recomenda-se o OVERGLO, creme líquido básico, e os suaves e hidratantes e emolientes de WESTMORE. A venda em embalagens de origem, nas melhores Perfumarias e Farmácias.

A EUROPA FORJADO MUNDO

(Continuação da 1.ª pag.)
guida refluir para o resto do Mundo.

Através da Europa Central as raças asiáticas vêm, periodicamente, rejuvenescer as raças autóctones já fatigadas. As religiões e as línguas entram a perder-se e a brábia vem penetrar ou assaltar a comunidade europeia. E' nesta que se concentra esse sangue fresco, e é também ali que, através de inúmeras lutas, se eria a formidável força de expansão que vai fundar os Impérios, os Domínios, e as Colónias ultramarinas.

Misterioso oquímio

Qual é então este misterioso cadinho onde se forjam as energias conquistadoras que transmigram um século para o outro? Nem só os antigos impérios grandes desabam, a vontade que cria outros, renova-se continuamente por um milagre de rejuvenescimento graças à cooperação da raça, do pensamento e do sul. Mais tarde, na Oceania ou a fé da África, a Europa reaparece com todas as suas tradições mas transformada numa nova força. E' na prodigiosa América que esta alquimia geradora do poder se realizou com o mais brilhante exíto de todos os séculos e esta parte E' al que, seguro do apoio dos seus co-europeus da América, e depois de ter por duas vezes impedido a catástrofe, em uma paz de uma riqueza inaudita e de uma grande bravura se ergue hoje para dizer à Mãe Pátria: «Eis com que reviver, ó Mãe. Dei-te os meus filhos. Apresento-te os frutos do meu trabalho. Dou-te também, com a única condição de que tu me tragas a certeza de que eles serão empregados para reconstruir, não para destruir, o novo, e que este sacrificio permitirá manter no Mundo esta fonte de sabedoria, de ciência e de coragem que a Europa tem sido desde três mil anos».

Poderéis examinar e voltar em todos os sentidos os textos que vão aparecer nesta Conferência de Paris e nas seguintes. Vereis que, sob todas as formas e em todos os domínios, eles dirão a mesma coisa: Que a América lá está, os braços abertos, com a condição de que aqueles que a imploram, de mão estendida, lhe deem a garantia de que a Europa continuará a ser a Europa.

Política ou economia

Podemos ler nos últimos telegramas que os russos não admittiam que se ligassem condições políticas à concessão do auxilio americano. As palavras pouco importam. Politicos, economicos, espirituais, todos estes apelos são applicáveis a Europa, pois que a Europa não é uma região, é uma essência regeneradora que, com as virtudes morais e intellectuais dos seus povos, ferja Estados e faz nascer Impérios. E' para esta Europa que os Estados-Unidos estão resolvidos a despendar mais quarenta bilhões de dolares, depois de já terem gasto 340 bilhões durante a guerra.

Porque? Dir-se-á que é uma política de defesa preventiva para o Novo Mundo; que é uma forma de receber, por expansões comerciais, o juro dos enormes capitais empregados. Estas razões são verdadeiras, mas baseiam-se na razão superior, ou seja que a filha não quer ver desaparecer a mãe.

Porque elas estão ligadas na ordem espiritual, de modo que se uma se desmorona a outra cambaleia.

Qual é a dificuldade? Esta provém da origem. A parte eslava da Europa, a ultima importação da Ásia, não tem a tradição universal e conquistadora do Occidente. Para os eslavos é a terra circunvizinha que os atrai. Além disso, eles deixaram-se em parte tomar por uma ideologia comunista que pode ser o preludio de uma invasão, mas de uma invasão em massa, de uma migração na direcção do sul. Porque? E' que estes povos não têm, como o europeu, do Occidente, o culto da individualidade, da aventura pessoal, disso que Montaigne chama o «gosto do perigo» e que esteve na base da expansão europeia desde os descobridores portugueses e espanhóis até aos pioneiros franceses e ingleses.

A herança do Franço

Dos três parceiros de Pa., um, o inglês, concebe a missão da Europa como uma missão mundial. O russo vê nela uma terra de experiências para uma doutrina cuja origem remonta á Ásia. Quanto ao francês, o mais convertido de que ele sente o peso inestimável da herança que recebeu. E' o da verdadeira Europa continental; a que fica no local, através dos séculos de glórias e de sofrimentos, e que deve manter o culto dos «Deuses Lares», no lar ancestral. E estes deuses herdados da sabedoria antiga através da santidade cristã foram baptizados pela França: chamam-se liberdade, fraternidade, igualdade.

A' parte esta religião sobre a qual assenta a Europa pode haver um dia grandes ideias. Talvez que a China ou a Índia nos as tragam. Mas essas ideias não constituirão a Europa e, de momento, não há nada mais elevado no Mundo do que a triplice divisa. A missão da Europa perante a Humanidade está longe de ter terminado. Assim pensa a América, e eis porque ela quer salvar a Europa, antes que esta se perca a si própria.

TARDE DAS CLASSES ELEMENTARES DO CIRCULO DE INICIACAO COREOGRAFICA

No Teatro Nacional D. Maria II, realiza-se no próximo sábado, pelas 16 horas, a tarde das classes elementares do Círculo de Iniciação Coreográfica, escola de balado dirigida pelo prof. D. Margarida de Abreu, que assina e dirige também a coreografia. Trata-se de um espectáculo já com tradições, em cujo programa se incluem desta vez «Cenas Infantias», de Solumann; e «Les Petits Riens», de Mozart. O corpo de baile do C. I. C. também colabora este ano, interpretando, a título demonstrativo, fragmentos dos grandes bailados «As Tágides» (música de Tchaikowsky) e «Nova Chopiniana» (música de Chopin), a apresentar brevemente em S. Carlos.

CLEO MARIAN NA CASA DE LEIRIA

A declamadora Cleo Marian, que ainda recentemente alcançou grande êxito no recital de poesia realizado no Teatro Nacional de D. Maria II, apresenta-se gentilmente na Casa de Leiria na noite de depois de amanhã, num programa de poesias portuguesas e brasileiras.